

Apresentação

COMPREENDER MAIS E EXPLICAR MENOS, MATERNALMENTE

A única que realmente compreende é a mãe.
[...] Disto resultaria o significado básico de compreender como “colocar-se ao redor de alguma coisa” (Kluge) [...] O que estas expressões têm em comum é o “envolver” e o “abraçar”. E não há dúvida de que nada no mundo jamais nos abraça tão totalmente quanto a mãe.

Carl Gustav Jung

Em: *Símbolos da transformação* (2012b, p. 511-512).

No exato momento em que inicio a escrita desta Apresentação, neste final do mês de maio do Ano do Senhor de 2020, o Brasil computa oficialmente 22.666 mortos pela Covid-19, e os vaticínios mais pessimistas nos colocam de mãos postas, em prece, e de olhos para o Alto. Assustados, vamos tecendo como dá uma história diferente daquela com a qual estávamos acostumados ainda até ontem – uma história, essa de agora e que começou apenas ontem, cujo enredo tende a estar bem distante de poder ser estabelecido.

Em algum momento, daqui não se sabe quantos meses, talvez tenhamos até nos acostumado aos números crescentes da tragédia, ou aprendido a lidar com a situação. Além disso, a descoberta de uma vacina sempre se coloca no horizonte de nossas esperanças. Mas a questão está aí, posta, e de modo dramático. Vamos convir que, de nariz empinado e aspirando sempre mais e com maior velocidade ao topo da torre de um superdimensionado ego, o mundo parecia estar acreditando demais no poder de suas avançadas tecnologias e na invulnerabilidade de seu Titanic. Amargas ilusões.

Tão de repente quanto pequeno e invisível, o ser que nesta conjuntura nos visita, nos ameaça e provoca o nosso medo, tragicamente, parece se divertir com nossas certezas e arrogâncias. Ele deixa de algum modo a impressão de estar sendo movido pela sádica ideia de arrancar, uma a uma, as pedras dessa torre, sobre a qual se erguia, também até ontem – soberba e pretensamente inabalável, não obstante os atropelos que provoca –, o Signo da Explicação.

Com essa expressão me refiro, por enquanto ainda de forma bem geral, a uma tradição inteira de pensamento e de práticas de vida fundada na crença mais ou menos irrestrita no poder da Razão e da Lógica, da Ciência e da Técnica, e que neste instante de nossa história se vê acossada pelo poder e a irreverência do imponderável.

Foi em grande medida no seio das estruturas de sentido e ação produzidas pela razão instrumental do Iluminismo que se firmou essa visão muito particular, hegemônica, de conhecimento e de vida, geradora de um modelo econômico, político e social que o mundo parece estar distante de querer abandonar, enquanto se amontoam pelo caminho do maldito – e entre dezenas de aspas – progresso as vítimas de todo tipo, aos milhões, e cada dia mais numerosas.

Avassaladora, em muitos sentidos, frente a outras maneiras de ver o mundo e de se expressar – nas artes como nas filosofias, nos mitos como nas religiões, nos saberes cotidianos como em outras tantas formas, não disciplinares e indisciplinadas, de conhecimento –, essa tradição guerreira se deixou escorar, com muita força e pretensa segurança, no Signo da Explicação, essa doença da razão chamada racionalização, como bem aponta Edgar Morin.

Esse modo de entender a nossa orgulhosa tradição científica e tecnológica moderna não deve, porém, nos permitir confundi-la com o conhecimento científico não viciado, humano e dialógico, compreensivo, em suas múltiplas formas de expressão, em seus movimentos e dinâmicas internas e externas, em suas idas e vindas, em suas angústias, em suas promessas e esperanças, em suas relações

mais ou menos amistosas com outras narrativas, tão dignas quanto, de conhecimento, todas elas por certo atravessadas por distintas experiências de sabedoria e também por suas mazelas próprias.

“A razão argumentativa, também ela típica dos ideais iluministas, é justamente um marco na direção de um horizonte normativo que conduza ao diálogo, à crítica e autocrítica, à verdade possível e negociada e à decisão plausível, caracterizando uma racionalidade dialógica e antidogmática, como um processo de geração de consensos (provisórios, mas concretos e necessários).”

É com essas palavras que se expressam sobre o assunto Marília Veronese e Pedrinho Guareschi (2006, p. 86), em texto que assinam conjuntamente sobre a “Hermenêutica de Profundidade na pesquisa social”. Esse referencial teórico-metodológico sistematizado por John B. Thompson, como argumentam os autores, se baseia “justamente na razão argumentativa, dialógica”, sendo nele fundamental “a argumentação sobre a plausibilidade das interpretações” (Veronese; Guareschi, 2006, p. 86).

Parece muito justa e honesta essa lembrança. Inclusive porque o exercício possível da compreensão (como método), como neste livro se propõe, precisa o tempo todo ser alertado do risco, que corre todo empreendimento humano, de varrer para debaixo do tapete as suas inevitáveis sombras.

Além de justa e honesta, a observação dos autores até reconforta: ela leva em conta o esforço humano de compreensão, de inclusão, de soma mais que de subtração, cultivado em ambientes espirituais em que o instrumental, o técnico e o objetivo – com o respeito e o crédito que merecem – precisam, sim, ser convocados a conversar com os jogos de sentidos que às vezes a eles se contrapõem, os interrogam, deles se diferenciam e a eles podem enriquecer. E isso, preferencialmente, deve se dar no território da interpretação, do diálogo e daquele prazer lúcido a que se referia Epicuro, em sua defesa exigente da *philia*.

O conforto que tal observação pode causar deve se estender, também, à sugestão dos mesmos autores de se pensar todo conhe-

cimento, não sob o Signo retumbante da Explicação, da Verdade ou da Certeza, e, sim, como “aproximações”: “Essas aproximações da realidade constituem um conhecimento provisório e sujeito a revisão, mas um conhecimento que pode e deve ser continuamente produzido para contribuir na busca por uma sociedade política, econômica e socialmente menos desigual” (Veronese; Guareschi, 2006, p. 86).

O sentimento de bem-estar e de conforto que a posição dos autores mobiliza só não é de todo completo e mais eloquente porque esbarra numa tarefa gigantesca, hercúlea, e da máxima urgência: a de a gente ter, para isso, que se “despir”, como eles dizem, do legado iluminista e “de seus terríveis ímpetos etnocêntricos e colonialistas” (Veronese; Guareschi, 2006, p. 86).

Mein Gott!

Aliás, vale a pena anotar que esse viés etnocêntrico e colonialista, como entende Boaventura de Sousa Santos (2018), atravessa de modo particularmente dramático os territórios fortificados das teorias e das epistemologias dominantes, tendo como resultado, além de toda violência física e também simbólica que representam e acionam, a infeliz e intransigente afirmação de uma única forma válida – “nortecêntrica” – de conhecimento, leia-se, o conhecimento científico-tecnológico, o mesmo modelo de conhecimento talhado na fôrma – vamos deixar o acento diferencial – da razão instrumental.

Assim, o tempo passa, mas diante dessa tradição fica difícil não ouvir sempre de novo a feroz crítica marxista embutida na representação de que as ideias dominantes de uma época são as ideias das classes dominantes.

A força do pensamento único e monocórdico, que se pretende absoluto, essencial, universal, não lhe advém apenas da usina de violência que tem sob o seu comando, e que se faz e refaz, como assinalado, à custa das vítimas incontáveis que deixa arrebetadas e mortas pelo caminho.

Essa força lhe advém, também, do poder político e retórico, que detém, de operar mutilações, simplificações e reducionismos no

universo humano, muito vasto, rico e complexo, de formas e práticas diversas de conhecimento, com suas distintas epistemologias, em lugares por onde o “conhecimento ortopédico” (ainda segundo Sousa Santos) da Ciência, que se exige escrita com inicial maiúscula, não costuma, porque rejeita, circular.

Os sete textos que trago neste livro emergem desse universo de preocupações, ocupações e apostas, configuradas nos modos de compreender, de buscar compreender e de propor a compreensão (como método) – tanto objetiva quanto subjetivamente, tanto científica quando não cientificamente, tanto cognitiva quanto ética, tanto disciplinar quanto inter-, trans- e não disciplinar – no interior do grupo de pesquisa “Da Compreensão como Método”, sediado junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo.

Trata-se de textos produzidos em anos diferentes – entre 2009 e 2019 –, com uma característica comum: todos eles foram submetidos e aprovados para ser apresentados durante o Encontro anual da Compós, a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação do Brasil. Um único texto, de 2014 – “A comunicação, a explicação e a compreensão” –, tendo sido aprovado, não chegou a ser apresentado, por não ter alcançado se classificar entre os dez que são efetivamente apresentados em cada Grupo de Trabalho durante o evento.

Os textos passaram por uma nova revisão e conheceram ligeiras alterações, em função agora de sua publicação em livro, sem que o conteúdo original tenha sido alterado – a não ser em lugares onde se preferiu expressar de modo diferente a ideia original, ou em que se corrigiram eventuais deslizes.

No entanto, tudo o que carrega consigo as marcas tateantes dessa busca, sem começo nem fim, na linha de pensamento esboçada, permanece tal e qual. Nesse ambiente intelectual, a renúncia deliberada ao estatuto da Certeza e da Verdade é informada não ape-

nas pela ideia de não se deixar estressar pela incerteza, mas também pela convicção de que um ou vários erros de interpretação não necessariamente representam um carimbo de imprestável na arena dos jogos dialético-dialógicos dos saberes.

Assim, idas e vindas, as redundâncias, o namoro com certos autores, as lacunas, e mesmo os vieses e desvios, representam em grande parte marcas salientes de uma trajetória não linear, no âmbito de um pensamento em construção que não se vê na obrigação de prestar um culto à divindade que habita o templo triste e ensimesmado da coerência.

O convite a pensarmos compreensivamente – nos territórios multiformes dos saberes humanos e de nossas tentativas, ora alegres e ora sofridas, de nos entendermos como pessoas e cidadãos neste mundo –, como acontece com todo empreendimento humano, vem, como me parece claro, sempre acompanhado de enormes surpresas e riscos. Tarefa que não tem fim nem apresenta garantia alguma de que alcançaremos algum porto seguro imaginado, é de fato assim que acontece com a compreensão, como a entende Hannah Arendt (2008).

A compreensão não oferece a ninguém qualquer salvo-conduto contra as ciladas que nos arma a sua fiel companheira incompreensão. Idêntico raciocínio eu entendo que possa ser feito sobre o diálogo, ou sobre qualquer outra virtude ou apelo ético, em nossas lides humanas por nos compreendermos e nos orientarmos nesta vida, “tão difícil de possuir completa e tão triste de possuir parcial” (Fernando Pessoa).

(...)

Saltou para 23.473 o número de vítimas do coronavírus, de acordo com o último boletim do Ministério da Saúde, emitido há poucas horas. Talvez nunca, como neste momento da história, foi tão importante apostar na ciência, torcer e – por que não? – rezar por ela. Não fosse por outras razões mais importantes, já compensaria fazê-lo para combater a insanidade de uma direita política que, no Brasil,

tendo assumido com suas centenárias falcatruas o poder, insiste em apostar na mais brutal ignorância.

Reafirmar nesse contexto a crítica ao cientificismo e ao dogmatismo que costumam rondar como um fantasma o universo vip da Ciência, eu acredito, não perde em importância, face à obrigação de afirmarmos, simultânea e compreensivamente, os encantos e os méritos dessa forma de conhecimento engendrada pela nossa cultura.

Eu penso, sim, que, sobretudo em momentos de crise e de mudança como este em que estamos vivendo, nos cabe a todos insistir na pluralidade de formas e práticas possíveis de conhecer o mundo e de habitá-lo, compreensivamente. Formas cotidianas de viver e de saber. Como o saber, por exemplo, da abnegação e da solidariedade. O saber das artes do “sevirol” (Cremilda Medina). O saber da política, do pensamento republicano e da democracia, tão em falta nos dias que correm.*

Vila caiçara do Poruba,
o “rio que engole gente”, em 25 de maio de 2020.

* Somam, no momento de fechamento deste livro, oficialmente, mais de 150 mil os brasileiros e brasileiras mortos pela Covid-19. Quem não é cego ou mal intencionado sabe com precisão quem são, mais uma vez, principalmente, e já faz tempo, *Os condenados da terra* (Frantz Fanon) nessa história. Expor à crítica um certo modelo de ciência, de conhecimento e de práticas sociais e políticas que nele se sustentam, questionando com vigor as bases teóricas e éticas da epistemologia dominante, é também uma forma de trazer para o debate o conteúdo inquieto de nossa indignação ética.